

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda de Lordello

código
AV-FO1-Sap

localização
Rua Jorge Marcelino Marques (Jamapará, 3º distrito de Sapucaia)

município
Sapucaia

época de construção
século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
residencial / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

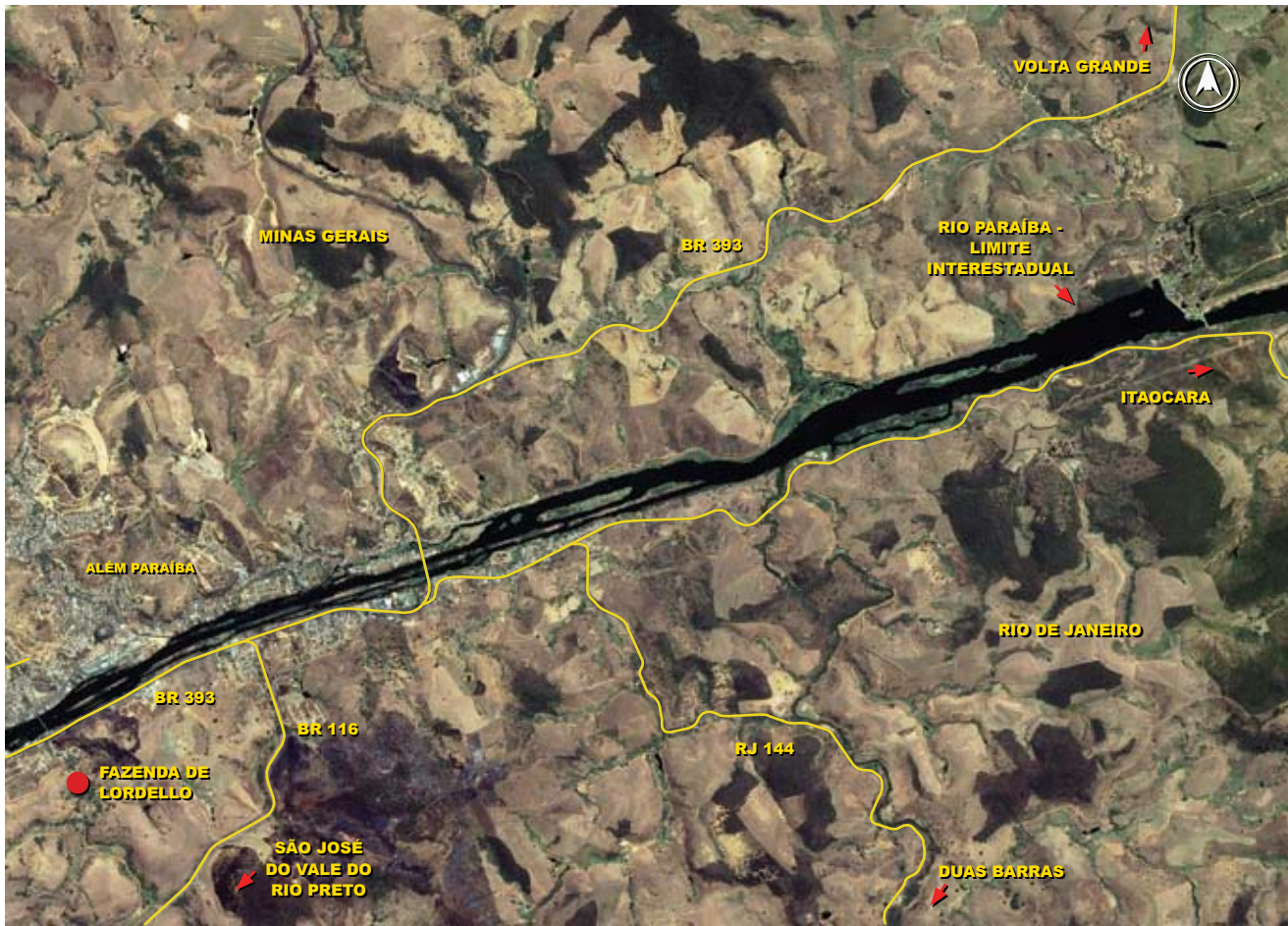
proprietário
particular



Fazenda de Lordello, fachada principal

coordenador / data **Alberto Taveira / jul 2009**
equipe **Alberto Taveira, Amauri Lopes Jr.**
histórico **Adriano Novaes e Alberto Taveira**

revisão
Coordenação técnica do projeto



situação



ambiência

Chegando ao distrito de Jamapará, em Sapucaia (RJ), através da BR-393 – antiga Rio-Bahia, denominada, atualmente, no trecho entre Barra Mansa e Três Rios, de Lcio Meira – tomar a Rua Jorge Marcelino Marques, ladeira ao lado do posto policial fronteiri  ponte de acesso à cidade de Além Paraíba (MG), sobre o Rio Paraíba do Sul (f01). Seguir pelo acive em “S”, calçado em paralelos, por cerca de 600 m até a entrada da fazenda, localizada à esquerda de uma bifurcação e, após sua porteira, percorrer cerca de 350 m em estrada de terra, passando pela antiga serraria (f02) e seguindo até o acesso da casa-sede. O ingresso nesta área residencial é feito através de um portão de duas folhas em ferro fundido entre marcos em pedra, seguido de uma pequena ponte sobre o Córrego do Coruo – conhecido como “Rio do Barão” – (f03), contribuinte do Paraíba do Sul, que desce saltado por entre matacões de pedra (f04), passando, mais abaixo, pela antiga serraria da qual movimentava as máquinas. Deste pontilhão guarnecido por guarda-corpo em ferro fundido – que não repete o interessante trabalho de serralheria e solda que ladeia o portão acima descrito (ver f03) – já se observa a morada ao alto, em meio ao arvoredo copado que a circunda.



01



02



03



04

A casa-sede domina a ambiência local, posto que está locada em terreno elevado. A arborização que a emoldura abriga ainda muito daquela da implantação original, feita pelo marquês de Paraná com espécies exóticas, na qual se destacam enormes sobreiros da Jamaica (f05). A explicação para tal opção é a de que os pássaros nativos, por desconhecerem estas árvores e seus frutos, nelas não fariam ninhos – e nem sujeira –, contribuindo para facilitar a manutenção da área do entorno da morada.

O conjunto da casa-sede caracteriza-se por sua completa desvinculação da unidade produtiva, formatando uma “ilha” residencial apartada do cafezal e da “fábrica” cafeeira em si, inclusive cercada por gradil em ferro (f06). Nesta fazenda não se pode falar em quadrilátero funcional¹, pois, à sua volta, estão locadas apenas edificações ou edículas ligadas ao funcionamento da casa, ou referentes à sua administração, ou ainda espaços destinados ao lazer e à reflexão contemplativa.

Assim, a partir do portão em ferro com duas folhas e marcos de pedra, adentra-se ao restrito e particular espaço da moradia do senhor fazendeiro de café e sua família. Após a ponte, guarnecida pelo mesmo e inusitado gradil caprichoso, segue-se uma via em aclave calçada em paralelos, que chega ao adro da casa. O caminho contorna a residência, ainda em aclave, pela direita, não sem antes manter pequeno espaço com calçamento diferenciado em saibro², chegando à entrada de serviço nos fundos.

No entorno imediato à fachada de fundos da casa-sede, acham-se, em construções isoladas, a antiga lavanderia (transformada em salão de jogos) (f07); a casa do administrador (08) – desativada – e a casa do caseiro. No morrote ao fundo, com acesso por escadaria em pedra, próxima à casa do administrador, estão as ruínas do interessante cemitério de cachorros, cuja lápide – em mármore de carrara – da cadela mais querida do barão do Paraná, Mirza, falecida em 03/10/1899, foi preservada (f09 e f10).



06



05



07



08

¹ Composto, em tese, pela casa de morada ou sede (com capela interna ou em construção própria), terreiro de secagem de café, tulhas, engenho e senzala, fechando um espaço restrito e contíguo, à vista do proprietário, pois o “olho do dono engorda o gado”, ou, no caso, enche as arrobos de café;

² para estacionamento e descanso dos cavalos das carruagens, estas mantendo-se paradas ainda sobre os paralelos.

Finalizando o conjunto envoltório que faz *pendant* à casa-sede, uma área demolida, originalmente destinada a serviços (f11).

No local do portão de acesso à casa-sede há um entroncamento que leva, pela direita, aos antigos terreiros de secagem de café, gradeados e com piso macadamizado muito destruído (f12, f13 e f14) e, mais além, por caminhos ensaibrados – os quais alcançam-se também através do pomar (f15) –, ao prédio que abrigava originalmente o moinho de café e, possivelmente, a tulha (f16), que tem próximo uma pocilga (ver f13).



09



10



11



12



13

Mais acima, num largo protegido por um exuberante e frondoso sobreiro da Jamaica (ver f05), a casa do colono (f17) e, para o outro lado, subindo um tanto mais, os currais, possivelmente local da antiga senzala, com piso em parte calçado por lajes de pedra (f18). Na área dos terreiros há registro de ruínas de paredes das quais não foi possível identificar a destinação original (f19).



14



15



16



17



19



18

A casa-sede da Fazenda de Lordello, à parte de sua conformação estilística completamente diversa da grande maioria das moradas das fazendas de café do vale – coloniais, em maior monta, e neoclássicas, em alguns casos – revela um partido de organização de sua implantação bem conservador, mantendo dois pavimentos em sua fachada principal e apenas um na de fundos, à semelhança do padrão tradicional estabelecido na região, um dos *leit motivs* do ciclo do café no valeparaibano do sul (f20).

Numa interpretação paladiana da casa de fazenda de café tradicional, agrega elementos não usuais – como a pintura das paredes externas em *trompe l'oeil* fingindo mármore – a outros pouco comuns na região – como a quase religiosa simetria da planta e o pátio central –, somando-os à tradicional tecnologia construtiva do período – embasamento em pedra argamassada, gaiola estrutural em madeira, paredes em pau a pique e telhado em capa e bica, ainda que oculto pela platibanda – para formatar uma morada única e excepcional.

A imponente *villa* desenvolve-se sobre um platô alcançado por escadaria com seis degraus em pedra e bocéis adoçados, cuja perspectiva desponta desde o caminho de acesso, nascente no portão em ferro que antecede o córrego. Apresenta, na fachada principal, três tramos de composição limitados por quatro pilastras dóricas tintas na cor do carrara. Destaca-se o pano central, para onde concorrem os olhares e através do qual se dá o acesso nobre à edificação, por meio de uma escada entalada, ultrapassada a galeria do térreo (f21).



20



21

Sobre o eixo de simetria sucedem-se o vão central em arco pleno desta galilé, com cercadura, ombreiras e aduela em pedra, ladeado por pilastras dóricas de vez inteiras que são encimadas por leões sedestres, todo o conjunto em pedra a suportar o balcão único do pavimento superior, com laje também em pedra e guarda-corpo em ferro fundido decorado por motivos florais (f22 e f23). Para esse balcão¹ volta-se, naturalmente, o único vão de porta do segundo pavimento, com verga em arco pleno e cercadura em pedra inscrita em enquadramento reto ladeado superiormente por cabeças de leão² e mantendo esquadria com duas folhas em venezianas de madeira. Finaliza a composição, neste prumo, o incomum frontão escalonado, cujo tímpano mantém elmo e escudo com as letras “H” entrelaçadas³ em meio a guirlandas, sendo ladeado por camafeus mistos estilizados com figuras de leões e encimado por Ceres⁴, a deusa romana das plantas que brotam e do amor maternal (f24).



22



23



24

¹ Quase um parlatório. Deveria ser desse elemento cênico que o marquês, e depois seu filho, o barão, recebia os convidados para as festas da fazenda.

² Motivo recorrente em toda a edificação, virtude do sobrenome do idealizador da casa – marquês do Paraná – ser Carneiro Leão.

³ Honório Hermeto Carneiro Leão, marquês do Paraná.

⁴ Equivalente a Deméter, na mitologia grega. Ceres era filha de Saturno e Cibele e irmã e amante de Júpiter. A iconografia a representa com um cesto de flores e frutos, um cetro e uma coroa feita de ramos de trigo. A palavra “cereal” deriva de seu nome, associando sua imagem aos grãos comestíveis, no caso da Fazenda de Lordello, o café.

Os tramos laterais apresentam, cada qual, quatro vãos, os do térreo semelhantes ao descrito para o tramo central, perfazendo uma galeria com nove espessas arcadas, mais duas nas laterais. Os vãos superiores, de janelas em arco pleno, apresentam-se também inscritos a cercaduras retas, porém revestidas em ladrilhos vidrados, recebendo esquadrias triplas com duas folhas de abrir: as externas em venezianas com bandeiras fixas, as intermediárias em caixilhos de vidro e as internas em madeira almofadada (f25). Arrematando os cunhais, musas em massa (f26).

Finalizando a composição, cimalha com friso intermediário que agrega sequência de ladrilhos decorados com a silhueta de um leão de perfil, além de platibanda cega escalonada à moda de ameias (ver f21).

Toda a decoração parietal da fachada principal e de parte das laterais incorpora pintura em *trompe l'oeil* fingindo aplacagem regular quadrada, no tom do mármore *rosso verona vein*, ainda de brilho vivo e com superfície polida, que se estende a frisos e cimalha.

As fachadas laterais empregam a mesma tipologia decorativa da fachada lideira, porém somente até o alinhamento de seus três primeiros vãos, a partir do cunhal com a fachada principal, escopo que marca o final da área com dois pavimentos. Daí, aos fundos, inclusive, simplifica-se a decoração que deixa de ser “marmórea”, passando à cor ocre de caiação, mantido o rigor formal das janelas, porém com vergas e sobrevergas retas. A platibanda cega desaparece, surgindo um beiral de telhas capa e bica, com cimalha escalonada, calhas em flandres e tubos de queda em ferro fundido (f27).

Na fachada de fundos, dedicada em sua quase totalidade aos serviços e, por conseguinte, ao acesso de serviços ou, mais comezinamente, o da lida diária, há uma importante particularidade. Pegado ao extremo esquerdo de quem a toma de frente, voltada para essa situação está a sala de música, assim, foi necessária a criação de um acesso especial, mais aparatoso, através de uma escadaria em pedra que, inclusive, resolve satisfatoriamente a diferença de nível do aclive de chegada ao patamar de acesso secundário, comprometendo, entretanto, a simetria da proposta classicizante (f28).



25



26



27



28

O acesso aos cômodos do largo, porém, estreito, rés do chão da fachada principal, a partir da galeria (f29), se dá por oito portas de abrir em madeira almofadada, dispostas sob os eixos dos vãos do alinhamento frontal e laterais, da meia altura das paredes ao teto, por grades de barras verticais em madeira (f30). Voltam-se para banheiros nos extremos e para depósitos ladeando a escada social de acesso ao pavimento superior. Calçando a galeria, há piso de pastilhas cerâmicas recebendo, nos interstícios da arcaria e no eixo de simetria, o acréscimo de ladrilhos hidráulicos com decoração alusiva à heráldica familiar (ver f29 e f31 e f32). A pintura em *trompe l'oeil* das paredes e dos arcos alude à aplacagem regular quadrada em mármore *rosso verona asiago* (f33).



29



30



31



32



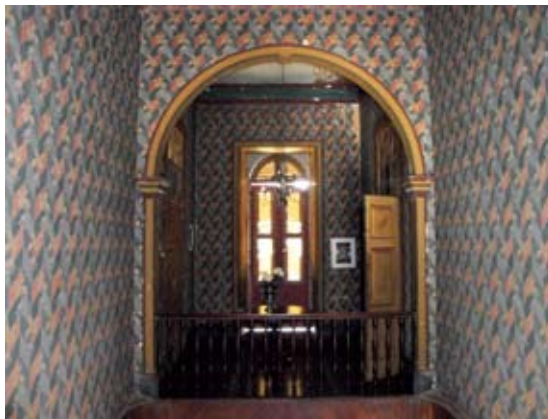
33

A escada enclausurada (f34) leva a um *hall* (f35) que se abre para um salão, à esquerda, (f36) e a outro *hall* de distribuição, à direita, ambos franqueando o acesso a quartos – dentre os quais o principal, à esquerda, além de outros subdivididos em banheiros – e à galeria à volta do pátio central, que organiza a distribuição dos cômodos da edificação.

Assim, voltados a esta galeria interna, à direita e à esquerda, estão uma grande sucessão de quartos (f37 a f39), alguns interligados por portas duplas ou acrescidos de banheiros, um dos quais foi transformado numa capela (f40).



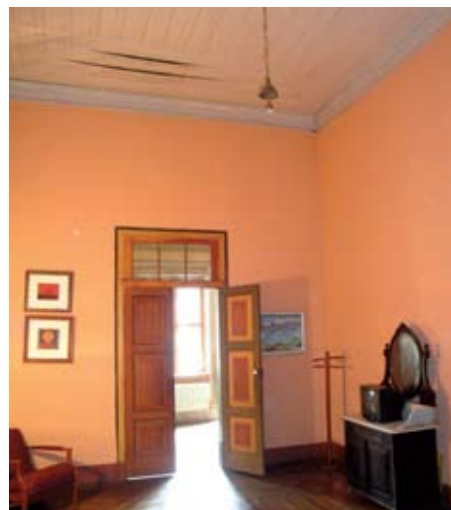
34



35



36



37



38



39

Nos fundos, do lado direito, desenvolve-se uma parte do setor social com a referida sala de música (f41) e a de jantar (f42) e, para o lado esquerdo, o setor de serviço, com uma espaçosa copa (f43 e f44) a partir da qual se chega à cozinha com piso em lajes de pedra (f45), e desta a uma despensa (f46).



40



41



42



43



44

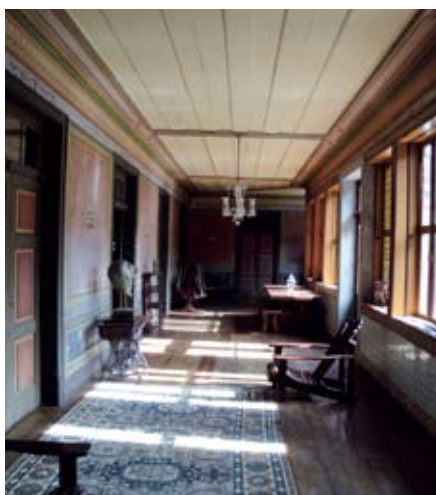


45

A generosa galeria interna é um espaço de convívio extraordinário, um verdadeiro oásis, misto de salão íntimo e social, que se completa magistralmente pelo singelo pátio descoberto à moda árabe, com repuxo e pobre ajardinamento, ao qual se tem acesso através de quatro portas, contando ainda com várias vidraças, que trazem o frescor da natureza sem o incômodo dos olhares estranhos (f47 a f51).



46



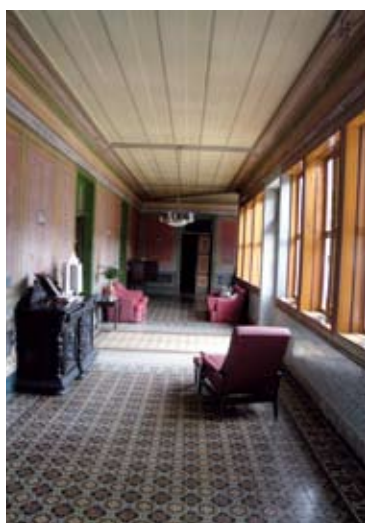
47



48



49



50



51

Capítulo à parte é a decoração da arquitetura⁵, feita através de compulsiva pintura parietal, principalmente na galeria interna (f52 e f53), mas também através dos *stencils* da sala de música (f54) e do *hall* de entrada, ou ainda, na aplicação de papel de parede e lambri de madeira na sala de música (f55 e f56).



52



53



54



55

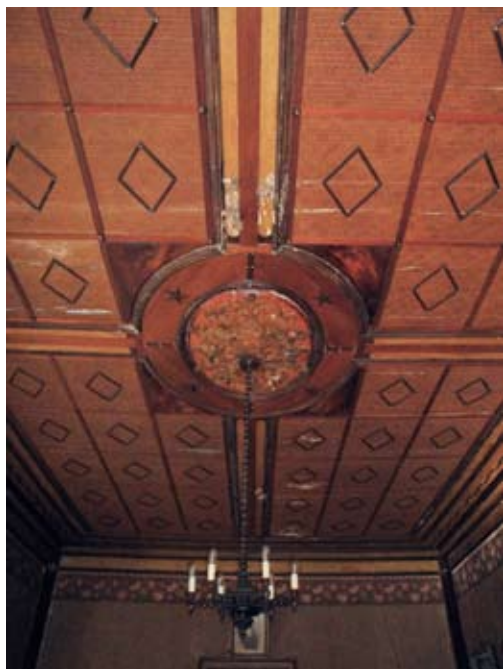


56

⁵ A descrição levará em conta apenas a decoração em seu aspecto arquitetônico, pois o estonteante – pela qualidade e quantidade – mobiliário e alfaías que compõem os ambientes da casa-sede – alguns de época – não são originais, tendo sido trazidos pelo atual proprietário.

Nos forros, é ainda a sala de música que responde pelo melhor trabalho em madeira e estucaria (f57), misturados aos tradicionais saia e blusa, como em alguns quartos e no acesso de serviço (f58).

Porém, o aspecto mais inusitado do interior da casa, salvo engano, ocorre na copa, onde causa estranheza uma estrutura em madeira aposta a uma das paredes e que vai, em ziguezague, do piso ao forro, terminando numa abertura para o telhado (f59). Perguntado o proprietário para o que a mesma se destinava, a resposta veio imediata: “escada p’ra gato”⁶.



57



58



59

⁶Foi observado que, hoje em dia, este “equipamento” ainda tem serventia, pois os gatos da casa continuam a utilizá-la em sua luta sem trégua contra os roedores.

A casa-sede da Fazenda de Lordello apresenta regular estado de conservação. Não evidenciaram-se problemas graves de infiltração nos forros, trincas nas alvenarias ou ataque por cupins. Entretanto, numa casa da volumetria e com a exuberância decorativa da Lordello, há sempre pequenos danos a reportar.

Assim, foram observados externamente pontos de umidade ascendente na fachada lateral esquerda (f60) e a necessidade de uma limpeza geral na pintura em *trompe l'oeil* das fachadas principal e laterais. A casa carece, também, de uma repintura geral na fachada de fundos e em parte das laterais, incluindo esquadrias (f61). No interior, há maiores problemas, principalmente no que tange às pinturas parietais, na galeria (f62) e na sala de música (ver f54), bem como nos papéis de parede do *hall* de entrada (f63). Nos forros, há problemas no estuque do *hall* de entrada (f64) e em alguns quartos (f65), além daqueles em saia e blusa (f66).



60



61



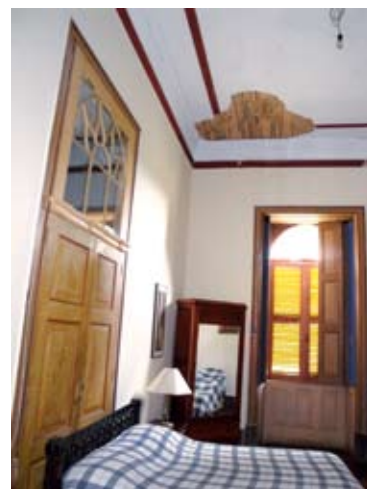
62



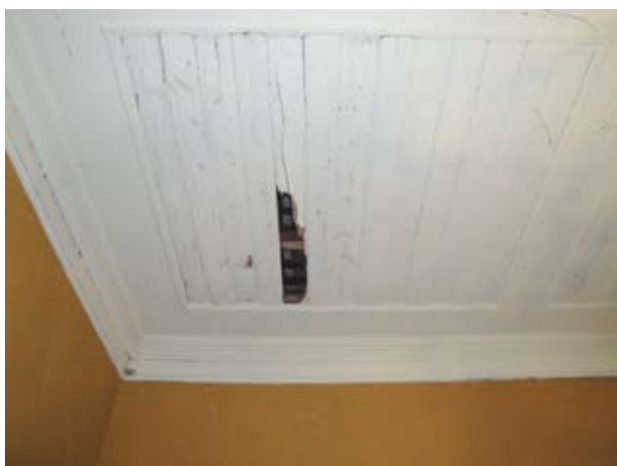
63



64



65



66



67

Os pisos encontram-se em bom estado de conservação, tanto nas partes molhadas quanto secas. Nas edificações acessórias da casa-sede, a casa do administrador apresenta remendos feitos na alvenaria com argamassa de saibro (ver f08) e áreas ainda por consertar, expondo o pau a pique (f67), necessitando repintura geral. A lavanderia/salão de jogos externa mantém piso elevado com peças faltantes (f68). O engenho/tulha é a construção em piores condições, denotando aspecto de abandono (f69), com preenchimento de paredes em tijolos sem recobrimento de argamassa (f70), peças do tabuado do segundo pavimento faltantes (f71) e cobertura do paiol em zinco degradada (f72).



68



69



70

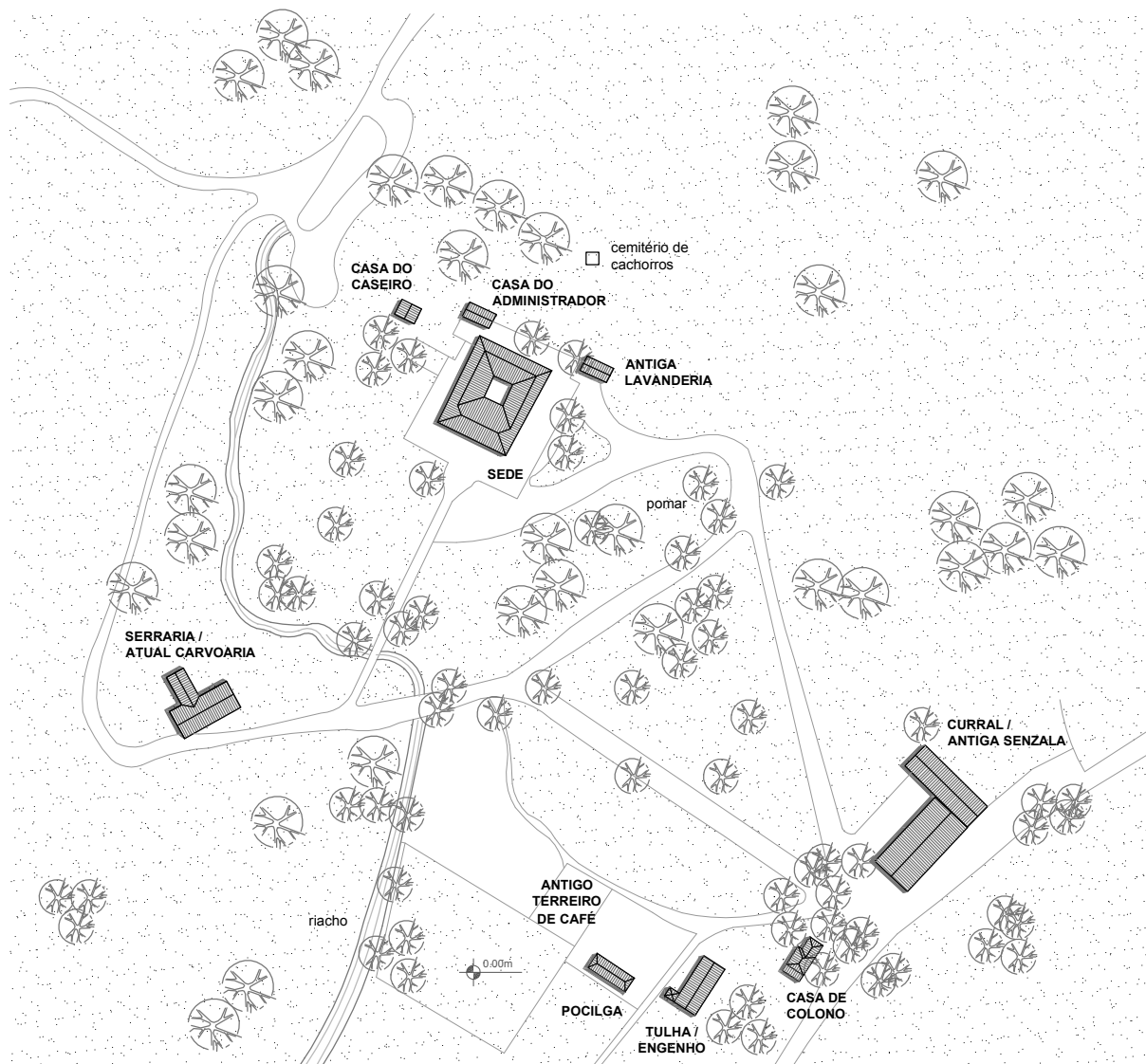


71

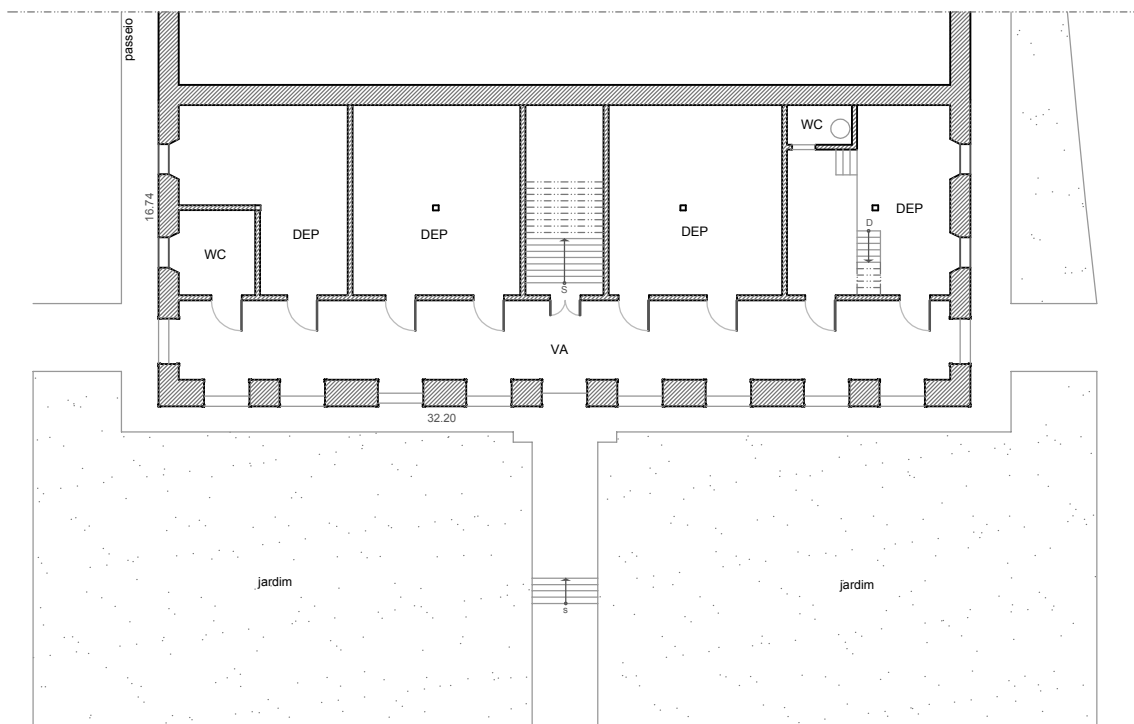


72

FAZENDA DE LORDELLO



FAZENDA DE LORDELLO



1

Planta Baixa da Sede - Térreo

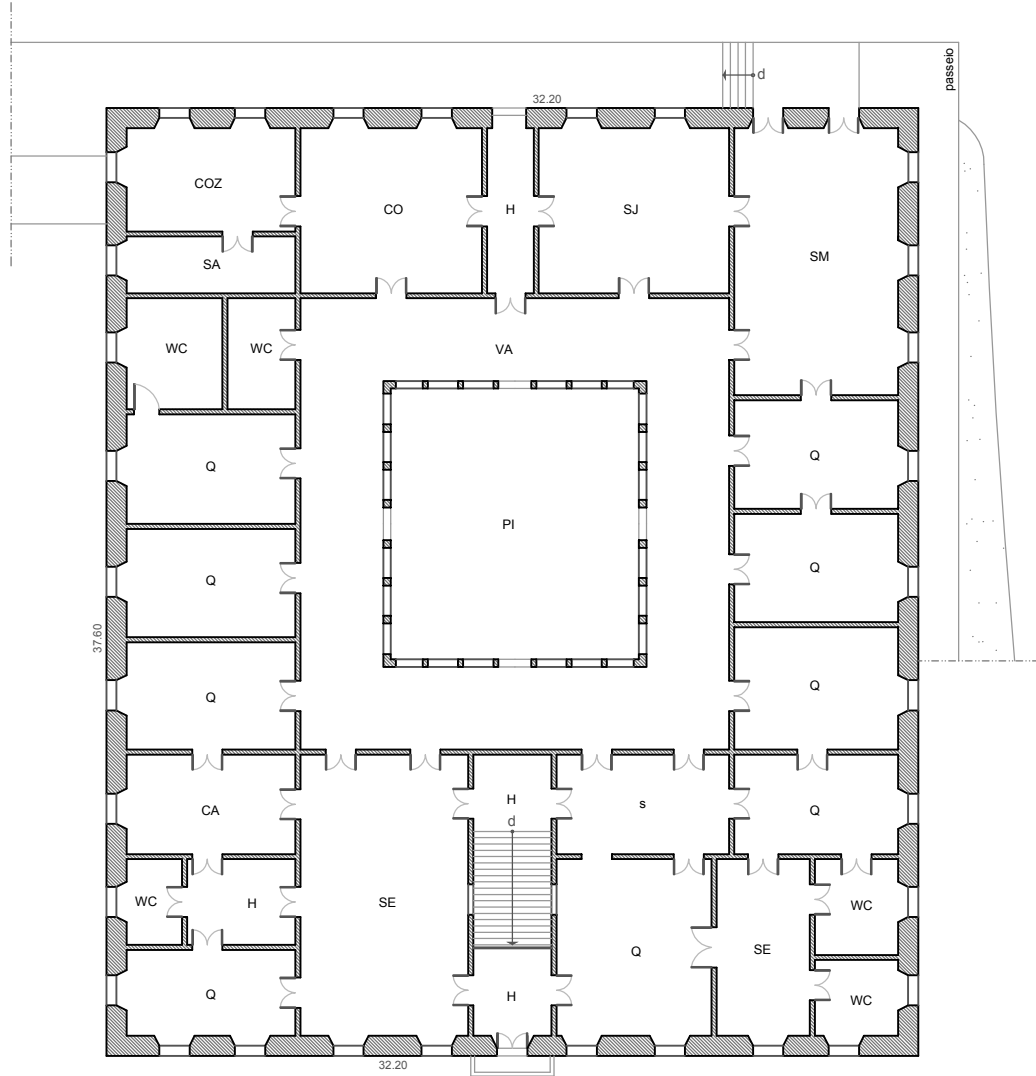
escala: 1/300



DEP - depósito WC - banheiro
VA - varanda

alvenaria existente
alvenaria demolida

FAZENDA DE LORDELLO



1 Planta Baixa da Sede - 1º Pavimento
escala: 1/300



CA - capela	COZ - cozinha	PI - pátio interno	S - saleta	SE - sala de estar	SM - sala de música	WC - banheiro	alvenaria existente
CO - copa	H - hall	Q - quarto	SA - sala de almoço	SJ - sala de jantar	VA - varanda	alvenaria demolida	

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AV - F01 - Sap

3/4

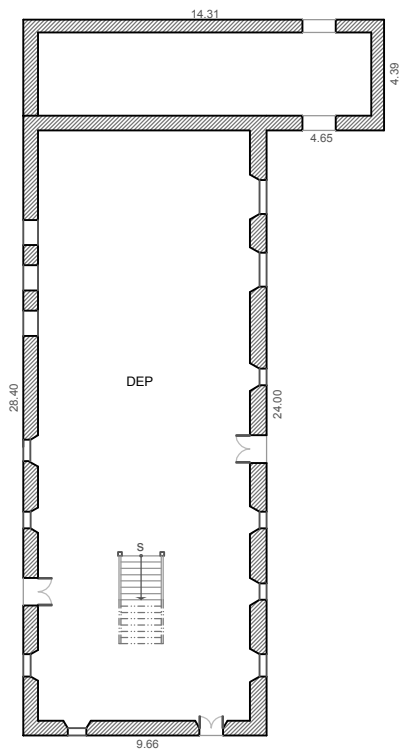
equipe:
Alberto Taveira/ Amauri Lopes Junior

desenhista:
Amauri Lopes Junior

revisão:
Francyla Bousquet

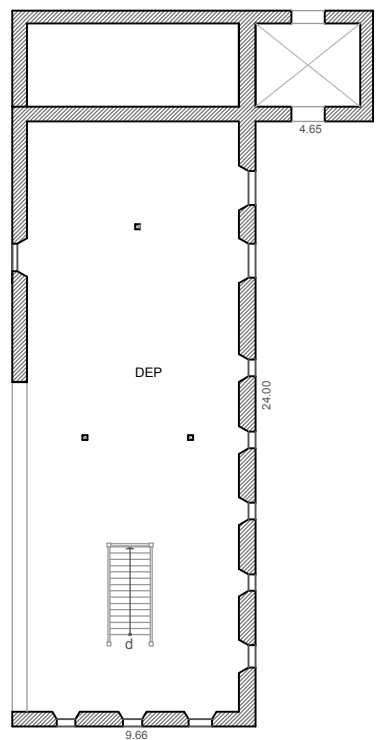
data:
ago 2009

FAZENDA DE LORDELLO



1

Planta da Tulha/ Engenho - Térreo
escala: 1/300



2

Planta da Tulha/ Engenho - 1º Pavimento
escala: 1/300



DEP - depósito

/// alvenaria existente
--- alvenaria demolida

Segundo um dossiê datado de 31/07/1854, feito com o objetivo de historiar a origem de seus bens, o marquês do Paraná informa que, no final do ano de 1836, *“realizou um sonho antigo, quando adquiriu terras incultas, à margem do Rio Paraíba do Sul, na fronteira com Minas Gerais, em Sapucaia (na época parte integrante do município de Magé), em lugar ainda pouco frequentado”*. Nestas terras fundou a Fazenda de Lordello, que lhe custou na época quatro contos e quinhentos mil réis apenas. Mais tarde comprou novas glebas¹, empregando em benfeitorias um total de dez contos de réis. Inicialmente, empregou, na abertura da fazenda, 26 escravos (TAUNAY, 1938, p.72).

Honório Hermeto Carneiro Leão² foi um dos homens mais influentes no cenário político do Império do Brasil. Casou-se em 1826 com D. Maria Henriqueta Neto Carneiro Leão³, com quem teve quatro filhos: Maria Emilia (baronesa de São João de Icarahy), Honório Hermeto Filho, Maria Henriqueta (viscondessa de Cruzeiro) e Henrique Hermeto (barão do Paraná).

Homem de visão, entendia ser necessário incentivar os escravos, até com pagamento em dinheiro, para que estes colhessem acima da cota mínima determinada pelos capatazes. Em julho de 1854, discursando no Senado Imperial sobre as origens de sua fortuna, o marquês do Paraná esclareceu a seus pares que o seu segredo consistia na otimização da exploração do trabalho escravo. Assim, impunha metas altas, que determinavam grande carga de trabalho, porém a troco de premiação monetária:

*“... se fiz tão avultada colheita [20.000 arrobas, em 1852], não é porque tenha empregado grande número de braços; há fazendeiros que têm o duplo e ainda mais, e, entretanto, colhem menos. Não tenho na fazenda [de Lordello] mais de 150 escravos entre grandes e pequenos; emprego poucas pessoas livres; pago aos meus escravos o que colhem nos dias de guarda, e o excesso de sua respectiva tarefa nos dias de serviço.”*⁴

Nos autos do inventário *post mortem*⁵ do marquês, aberto em 1856, pode-se verificar que a fazenda contava com 190 escravos e uma plantação de 290.000 pés de café. Quanto à descrição das instalações da propriedade, podemos constatar que a sede ainda encontrava-se em obra:

“...Uma casa nobre construída em pedra e cal, com 144 palmos de frente, e 165 de fundos, de sobrado na frente, e ainda por acabar, com varandas envidraçadas, e área no centro com hum pequeno (ilegível) no fundo para a cozinha, por 30:000#000...”

Havia, além da sede, uma casa com engenhos de socar café com seis pilões de duas mãos e um ventilador, sendo ambos tocados por rodas d'águas diferentes, além de um “separador de arame”. Pegado a este engenho havia um galpão que servia de tulha com balanças para pesar café e um engenho pequeno para moer cana com dois tachos para fazer rapadura, e suas respectivas escumadeiras. Uma outra construção, que também servia de engenho para moer milho, “socador de café”, engenho de socar arroz, presa para cevar farinha de mandioca e monjolo. Um telheiro com serraria e ferraria; uma casa que servia de paiol de café e mantimentos, pegado a casa de tropas; um paiol de milho; uma olaria com três fornos, um chiqueiro, uma casa que servia de senzalas com enfermaria, cozinha e cômodos para empregados; um terreiro de tijolo e cal para secar café, entre outros.

Nessa ocasião a fazenda havia para exportar, em fins da colheita, cerca de dezoito mil arrobas de café da safra corrente. O monte-mor do marquês foi avaliado em 660:000#000, sendo somente a Fazenda do Lordello, em 375:849#000.

Após a morte do marquês, aos 55 anos de idade, em 3 de setembro de 1856, Lordello ficou para sua esposa, a marquesa do Paraná, que administrou a fazenda até sua morte em 1887. A respeito da administração da marquesa em Lordello temos o seguinte comentário de Affonso de E. Taunay:

“Trinta annos permanecerá a Marqueza do Paraná á testa de sua grande propriedade, até desaparecer a 1º de março de 1887, já quase octagenaria. Senhora de extraordinária energia e capacidade administrativa, digna prima do esposo e primo, deixou notável exemplo de operosidade conjugada à intelligência, numa época em que geralmente era a mulher brasileira tão tímida e destituída de senso de realidade e negocio. E continua Taunay: “Graças a este zelo ponde a Marqueza do Paraná deixar aos seus tres herdeiros Viscondessa de Cruzeiro, Baroneza de São João de Icarahy e Barão do Paraná, o triplo do monte mor do seu illustre cônjuge...”

Com o falecimento da marquesa, herdou a fazenda um de seus filhos, o barão de Paraná, dr. Henrique Carneiro Leão, que nasceu na província do Rio de Janeiro, em 22/11/1847 e faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 16/03/1916. Foi casado com Zeferina Marcondes, filha do comendador Francisco Marcondes Machado e de Maria dos Remédios Marcondes Machado. Fez o curso de Humanidades no Colégio Pedro II e, em 1870, formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi competente agricultor e inventivo criador, sendo personagem de casos folclóricos, como o de sua estranha experiência no cruzamento de zebras com mulas, na tentativa de criar um novo animal, que chamou de “zebróide”.

Do barão, que a administrou até morrer em 15 de março de 1916, a propriedade passou, em sistema de usufruto, para sua esposa, D. Zeferina Marcondes. O casal não teve filhos. Desde então, a fazenda⁶ passou por vários proprietários, que ao longo dos últimos anos a mantiveram preservada (ALEGRIO, 2008, p.100-01), chegando ao Sr. Marcos França, que a adquiriu na década de 1980, reaparelhando-a com seu imenso e compulsivo acervo mobiliário e de alfaías, mantendo-a conservada e o mais original possível até o presente (f73 e f74).

Fontes

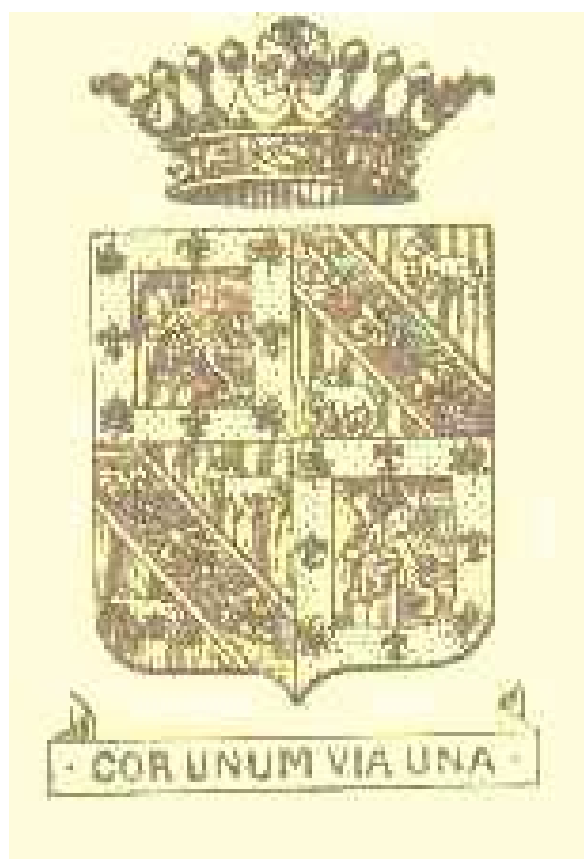
<http://www.asminasgerais.com.br/home/fazendas/Fazendas0001.html>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/BR-393>

<http://www.sfreinobreza.com/Nobp1.htm>



Honório Hermeto Carneiro Leão, marquês do Paraná 73



Brasão de armas do marquês do Paraná 74

¹No ano de 1841, adquiriu mais terras que faziam rumo com Lordello. Em 27 de março, o marquês do Paraná comprou do casal Manoel Antônio dos Santos e Maria Bernarda de Jesus mais uma porção; em 30 do mesmo mês, mais um tanto de D. Anna Victoria de Jesus; em 24 de maio, mais outra gleba de D. Constança Maria de Jesus e, finalmente, em 20 de março de 1848, mais uma porção adquirida de Francisco José Soares e sua mulher D. Anna Umbelina Barbosa, completando assim uma área que correspondia, na época, a pouco mais que duas sesmarias de meia légua em quadra, ou seja, 500 alqueires geométricos de terra.

²Nasceu em Jacuí (MG), em 11/01/1801. Estudou Humanidades em Minas, partiu para Portugal, em 1820, e tomou o grau de Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, em 1825. Começou a carreira na magistratura como juiz em São Sebastião (SP), em 1826, chegando a desembargador da Relação de Pernambuco e conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça. Foi deputado na Assembleia Geral nas 2ª, 3ª e 4ª legislaturas, de 1830 a 1841. Senador pela província de Minas Gerais em 1842. Ministro Plenipotenciário em missão especial no Rio da Prata, em 1851. Foi presidente das Províncias de Pernambuco, em 1848; e do Rio de Janeiro, em 1841. Chamado aos Conselhos da Coroa, foi ministro da pasta da Justiça no 3º Gabinete, de 1832; da Fazenda e presidente do Conselho no 12º Gabinete, de 1853. Político e magistrado de grande valor foi no Conselho de S. M. Conselheiro de Estado, em 1842; membro do IHGB desde 1839, Grã-Cruz das Imperiais Ordens de N. S. de Vila Viçosa de Portugal, de Cristo do Brasil, da Águia Branca da Rússia e da Imperial Ordem do Cruzeiro. Era Grande do império e Provedor da Santa Casa de Misericórdia. Fonte: <http://www.sfreinobreza>.

³Maria Henriqueta Carneiro Leão Leme, marquesa do Paraná, nasceu em 1809, em Paracatu (MG), e faleceu em 1887, na Fazenda de Lordello, Sapucaia (RJ), tendo sido sepultada no Rio de Janeiro. Casou-se em 1826, com seu primo Honório Hermeto Carneiro Leão, marquês de Paraná.

⁴Informa Laërme que, na "zona do Rio", isto é, no Vale do Paraíba, mas não no oeste paulista, o estipêndio monetário era adotado para "encorajar o escravo que colheu mais. Como regra, então, ele ganhava 200 réis por alqueire durante as primeiras quatro ou cinco semanas da safra, soma que aumentava para 240 réis por alqueire no restante da colheita". Quando a safra era abundante, a colheita avançava aos domingos, e, para tanto, o trabalho da escravaria deveria ser remunerado. Fonte: *Diáspora africana, escravidão e a paisagem da cafeicultura no Vale do Paraíba oitocentista*, de autoria de Rafael de Bivar Marquese em www.revistasusp.sibi.usp.br.

⁵Inventário *Post Mortem* de Honório Hermeto Carneiro Leão - marquês do Paraná. Juízo da 6ª Pretoria. 1856. Código de fundo 3J, Seção de guarda CODES SDJ, caixa 4.120, nº 1.125, gal.A. Arquivo Nacional – RJ.

⁶George Gardner, importante viajante e estudioso da flora brasileira, relata, em seu livro *Travels in the interior of Brazil*, sua passagem, entre 1836 e 1841, por uma grande fazenda de café, pertencente ao célebre deputado Carneiro Leão, situada em Sapucaia, distrito de Jamapará, no Rio de Janeiro. Outro visitante ilustre que se hospedou em Lordello no ano de 1883 foi C. F. Van Delden Laërme, holandês, que então em visita as fazendas do Brasil, encarregado que fora, pelo seu governo de estudar as condições da indústria cafeeira do Brasil, comissão que resultou em um notável relatório *Brazil and Java. Report on Coffee-Culture in America, Asia, and Africa*. Londres-Haia: Martinus Nijhoff, 1885.